

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



CARVALHO, Joaquim Manuel Godinho Braga Barradas de (Lisboa, 1920 – Lisboa, 1980)

De famílias abastadas, era filho de Manuel Telles Barradas de Carvalho, latifundiário alentejano e monárquico, romancista de pequena obra mas de mérito; um seu tio, general José Marques Godinho (1881-1947), herói da I Grande Guerra, esteve implicado numa tentativa de golpe contra Salazar em 1947. Sempre apoiado pelos pais, apesar de “filho bem pouco cómodo” (*As fontes...*, 1968, p. 9), licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1946), tendo sido colega de Joel Serrão, Rui Grácio e Jorge de Macedo, entre outros. Desde jovem estudante aderiu ao Partido Comunista e tomou parte em movimentos oposicionistas, o que lhe valeu o impedimento de ser contratado para um lugar no ensino público português durante a ditadura. Porque, como era evidente, JBC não oferecia “garantias de cooperar na realização dos fins superiores do Estado”, reza a informação da PIDE (Tiago Brandão, “Migração científica...”, 2011). Quando em 1961 o Ministério da Educação decidiu abrir uma Faculdade de Letras na Universidade do Porto, a JBC (como a Joel Serrão e a João Bénard de Costa) impossibilitaram concorrer a lugar de encarregado de curso – fizeram desaparecer os documentos de candidatura não fosse o júri escolher algum réprobo... Havia que escolher gente de confiança – não por acaso seria aprovado António Cruz, conhecido militante salazarista, que viria a ser catedrático e director dessa Faculdade (*O obscurantismo...*, 1974, pp. 25-26 e 82). Para o regime não contavam apenas as depurações de professores, havia que contar também com o impedimento que se levantava à entrada de gente capaz para funções docentes, em especial no ensino universitário. Tentando escapar a esse ambiente, JBC teve que se expatriar (e depois do ataque ao quartel de Beja na noite de passagem do ano de 1961/1962 em que esteve implicado, exilar-se). Exílio para evitar a inevitável perseguição e a cadeia. Daí que a sua trajectória académica tenha sido feita através da França onde foi bolseiro do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, depois da Fundação Calouste Gulbenkian e da Association Marc Bloch e investigador do Centre National de la Recherche Scientifique. Apresentou-se a provas de doutoramento de 3º Ciclo (1961) e de Estado (1975) na Universidade de Paris tendo as teses apresentadas obtido as mais altas classificações. A sua preparação de investigador fora feita em contacto próximo com Fernand Braudel na 6ª Secção (Ciências Sociais) da École Pratique des Hautes Études, mas não menos na 4ª Secção



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(Ciências Históricas e Filológicas) onde se encontravam os mestres dos métodos eruditos. Em 1964 rumava ao Brasil onde permaneceu até 1969 como professor titular na Universidade de São Paulo, por intercessão de Eurípedes Simões de Paula. Em São Paulo será posta à prova a sua vocação de professor, fazendo discípulos e amigos que guardaram bem viva a sua memória – homem convivial que era, ele próprio citará entre os colegas mais novos Fernando A. Novais, Boris Fausto e Carlos Guilherme Mota. Aí regou História da Civilização Ibérica e História da Cultura Portuguesa. O homem cordial encontrava um meio favorável no Brasil, com reconhecimento do seu papel de docente e investigador pelos seus pares. Presença que deixou marcas: os seus pares puseram a uma das salas do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas o nome de Sala Joaquim Barradas de Carvalho. Embora sempre tolerante, o historiador bater-se-á com as armas de intelectual que são as suas: e é o ensino e a divulgação cultural, e mesmo os escritos de luta anti-fascista que faz publicar na imprensa brasileira (em especial no *Estado de São Paulo* e sobretudo no *Portugal Democrático*, jornal dos exilados, artigos de 1965-1969 que ficarão reunidos em *O Obscurantismo Salazarista*). Mas em 1969 o Brasil dos ditadores militares também se tornava terra pouco acolhedora para um exilado. Pelo que regressou a França. Finalmente depois do 25 de Abril de 1974 seria o retorno a Portugal, mas só em 1977 viria a ser contratado como professor catedrático convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Onde pouco ficaria, que a sua vida extinguiu-se poucos anos depois. Historiador e cidadão. As duas qualidades não se separam na sua personalidade e procurará intervir politicamente em favor da liberdade que lhe era negada.

JBC era um erudito por vocação e gosto. Tendo sido aluno na Faculdade de Letras de Lisboa de Vitorino Magalhães Godinho, credita-lhe tê-lo orientado no caminho da História e não da Filosofia que seria a sua primeira intenção. Não por acaso, como livrinho de estreia sai uma reflexão sobre técnica e história económica decerto do gosto do mestre. Onde já se pode ler: “As grandes viagens de descobrimento criaram uma mentalidade nova. A acção substitui-se a pouco e pouco à contemplação. Nos domínios do pensamento é o pensamento científico, com base experimental, que se vai impondo.” (*As Invenções Técnicas...*, [1943], p. 3). Depois de uma dissertação de licenciatura sobre as ideias políticas e sociais de Alexandre Herculano virou-se para o estudo da cultura portuguesa no período renascentista influenciado pelos seminários em Paris de Fernando Braudel e Georges Friedmann. A pessoa e a obra de Lucien Febvre marcaram-no, declarando-se o seu fascínio perante a obra-prima *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle. La religion de Rabelais* (1942). E é a investigação em história das mentalidades no quadro da unidade plural das ciências humanas que bebe nos *Annales* e nos mestres parisienses. Para se dedicar ao “que de mais original produziu até hoje a cultura portuguesa.” (*Rumo de Portugal...*, p. 36). Em 1953 a viragem estava executada, e nos *Annales* e na *Revista de História* da USP já publica artigos versando essa matéria. Pelo fascínio que sobre ele exerceu a literatura de viagens e a literatura científica que se lhe associa ligadas aos descobrimentos tomou como centro dos seus trabalhos o manuscrito do *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira. Nessa temática sobre um texto complexo e muito rico se concentrará,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

dedicando-se-lhe durante anos a fio, perscrutando aquilo a que designou por “pré-história da mentalidade e do pensamento moderno.” (*Portugal e as origens...*, 1981, p. 211). Porque não há que procurar os precursores de Descartes e Galileu nos humanistas que escreveram textos filosóficos – agarrados que permanecem aos Antigos. Porque “subjacente aos grandes filósofos ou homens de ciência, podemos surpreender uma história mental mais profunda. Uma ruptura como a do século XVII foi preparada em profundidade desde muito antes por homens que dela foram os autores inconscientes.” (*Portugal e as origens...*, p. 49) E a pesquisa dessa pré-história incide sobre os dez primeiros textos de literatura de viagens que se conhecem. Desde a *Crónica dos feitos de Guiné* de Gomes Eanes de Zurara, de 1453, até 1505-1508 ao *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira. Passa então em revista essa dezena de Crónicas, Descrições de terras, Diários de bordo ou Roteiros. Uma das pesquisas que empreende liga-se com a expressa menção de números em algarismos árabes e sua confrontação com a persistência de numeração luso-romana. Inovação de aceitação progressiva que conclui manifestar “uma nova cultura” que “não era mais tradicional”. Que não se fica pela constatação. Havia que interpretar, dado que ocorre “no meio cultural de grupos profissionais directamente ligados ao desabrochar de uma classe social. Que depois se generaliza a todos os grupos profissionais, em todas as classes sociais.” (*Portugal e as origens...*, p. 72). Também se debruça sobre a noção de experiência em Portugal, perscrutando textos desde o século XI (1055) a finais do século XVI (1580). Busca em escritos de todos os géneros: literários, crónicas, textos didácticos provenientes da Corte, documentos de arquivo, textos ligados às viagens, especialmente às viagens marítimas, como “descrições de terras, diários de bordo, roteiros, guias náuticos, e mesmo textos científicos (...).” Para encontrar no século XVI e em especial em Duarte Pacheco Pereira que a “experiência, a experiência empírica, a experiência do senso comum, a experiência sensível, é o novo critério da verdade, em detrimento das autoridades...” (*Portugal e as origens ...*, p. 112). Em procura dos vários sentidos e das variações semânticas que se conseguem registar. JBC é um erudito integrado no que de mais amplamente problemático lhe é proporcionado pela formação junto dos grandes mestres franceses que têm nos *Annales* (Économies-Sociétés-Civilisations) a sua expressão. História como ciência social, sempre. (*Da História-Crónica...*, 1972).

Erudito que trabalha como se houvesse que tudo ver e rever para ficar bem apurado nesse inquirir acerca de uma incipiente cultura que designa por “experencialista”. Basta ver o cuidado e a minúcia com que analisa os dois manuscritos que se presume serem os mais antigos do *Esmeraldo* – o da Biblioteca de Évora (que conclui ser o melhor e mais próximo do original) e o da Biblioteca Nacional de Portugal (que aliás é cópia com deturpações do de Évora). Trabalho de uma imensa erudição para atingir a versão o mais correcta possível desse texto fundamental para a compreensão do moderno pensamento português. Erudição do melhor quilate de que deu a melhor das lições no *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira (Édition critique et commentée). Não se compraz JBC apenas no levantamento rigoroso dos textos. Por isso parte depois para explicar a eclosão de uma visão e de uma mundividência modernas e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

modernizantes no Portugal renascentista. Procura sempre apresentar o que sobre o assunto se escreveu, rebatendo opiniões, por vezes mesmo algumas pouco fundamentadas que não mereceriam grande atenção. Mas JBC não quer deixar nada por esclarecer nem mal esclarecido. Assunto em que tenha tocado fica devidamente decidido com a análise erudita a que se dedica. Por isso não se pode escrever sobre a literatura portuguesa de viagens na época das grandes descobertas sem se ter em linha de conta as análises que lhe dedica e as conclusões que apresenta. (*À la recherche...*, 1983, pp. 3-14). Mesmo quando podem parecer excessivas pelo aparato crítico que não esconde. Sirva de exemplo o problema da data de nascimento de Duarte Pacheco Pereira, que ninguém sabe e cujas hipóteses até nem variam muito: JBC cita oito autores e a respectiva proposta, o que não acrescenta nada ao trabalho (*À la recherche...*, p. 24). E muitas vezes há como que exagero na extensão das informações comprazendo-se num como que jogo ao pretender ser exaustivo. Com boa e segura erudição, sempre. Por isso o apuramento da viagem de 1498 ser exemplar de rigor e atingir uma grande extensão (31 pp.). Que para JBC não há dúvida que a Duarte Pacheco Pereira se deveu o achamento de um troço da costa do novo continente, no que viria a ser Brasil, em 1498. A Cabral fica creditado o reconhecimento “oficial”.

A heterogeneidade da literatura portuguesa de viagens na época das grandes descobertas fica bem demonstrada, e essa característica permite abrir um leque extenso de possibilidades não-convergentes que têm de ser inquiridas. Aí surgem “homens novos, de têmpera desenvolvida num outro clima social e mental, com outros interesses, tendo uma outra escala de valores para julgar as coisas e os acontecimentos” (*À la recherche...*, p. 274). E é este conjunto que deve ser apreciado e nele se deve procurar essa originalidade e essa modernidade que está no centro da pesquisa efectuada. Com alguns notáveis contributos não apenas de história da cultura / história das mentalidades, mas de levantamento e fixação crítica de textos devidamente averiguados. Com o rigor filológico que não poderia deixar de se exercitar. Sirva de exemplo o longo excuro sobre a *Crónica dos feitos de Guiné* (*À la recherche...*, pp. 300-322). Só em seguida a esse apuramento avança para o *Esmeraldo*, inquirindo das fontes de que Duarte Pacheco Pereira se possa ter servido para a sua redacção. Assunto e estudo crítico sobre que se debruçou inúmeras vezes, como que a mostrar a dificuldade de bem atingir o resultado rigoroso a que se dedicou. Só depois dessas análises bem aprofundadas entra no assunto central do trabalho que é precisamente a procura da especificidade da expansão portuguesa. Para o que se debruça sobre a linguagem e o discurso, usando a história de palavras e a semântica que lhe subjaz: veja-se os exemplos de “descobrir” e “descobrimento”. E daí avança então, com a segurança que o suporte crítico permite, para Portugal e as origens do pensamento moderno, cuja pré-história não deixa de perscrutar. Que não será qualquer história, mas uma “história profunda, subterrânea, inconsciente, anónima, do pensamento, esta verdadeira história social do pensamento, esta história na qual as personagens são os conceitos (...)” (*À la recherche...*, p. 663). Em que se apresentam em lugar destacado a matematização do real e a experiência. É a mudança de uma linguagem, mas é igualmente uma mudança de utensilagem mental. Não se pode esquecer a enorme influência de Lucien



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Febvre. Retoma então o ensaio há muito conhecido sobre a introdução e difusão dos números árabes em Portugal. Como vai à procura da pré-história da experiência científica e da experimentação. Só depois de mais de 700 páginas se permite concluir com o *Esmeraldo de situ orbis* e Duarte Pacheco Pereira. Obra de síntese de um homem que JBC propõe também que seja considerado como um “homem-síntese”. Homem de acção, militar, bravo combatente, navegador, descobridor, mas também um escritor e um homem de ciência. E por aí se chega à renascença portuguesa e à sua especificidade precursora da idade de Galileu e de Descartes.

Não se limitou JBC ao estudo directo do *Esmeraldo*, como se vê. Procurou, com segurança erudita, encontrar as fontes e o processo construtor de que Duarte Pacheco Pereira se serviu. Para isso tinha o saber filológico que junto de mestres como Léon Bourdon, Guy Beaujouan, Robert Ricard e Israel-Salvator Révah tinha adquirido – não por acaso diplomado de História e Filologia pela École Pratique des Hautes Études (1970). Daí resultou ainda mais uma publicação paradigmaticamente apresentada da tradução espanhola do *De situ orbis* de Pomponius Mela com as notas marginais que Duarte Pacheco nela foi inscrevendo. Porque não sendo um latinista, era em vulgar que lia e ia buscar as informações de que precisava. Para além do título que deste manuscrito decorre, há que considerar que se trata da fonte mais utilizada (*La traduction espagnole*, 1974, p. 23). Dá como identificado o tradutor do latim para o castelhano, mestre João Farás, físico, bacharel em artes e em medicina, que participou na expedição de Pedro Álvares Cabral e que da novamente achada terra de Vera Cruz escreveu famosa carta a D. Manuel. À margem desse texto Duarte Pacheco Pereira foi tomando notas para o trabalho de redacção do *Esmeraldo*. Trabalho de JBC mais uma vez de erudição, a que junta dois documentos de importância: a carta a D. Manuel autógrafa de Duarte Pacheco e a carta de mestre João, escrita das paragens onde se encontrava no primeiro de Maio de 1500. E é já em 1974 que o Estado português publica esse escrito através do Centro de Estudos de Cartografia Antiga da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, por mediação do Comandante Teixeira da Mota e do amigo fraterno Luís de Albuquerque. Ainda no mesmo registo e procurando mostrar como há que investigar e escrever, publicou (de algum modo republicou) *O renascimento português*. Em busca da sua especificidade e *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no Esmeraldo de situ orbis* (de que uma primeira versão já saíra em São Paulo na *Revista de História*) pondo assim à disposição dos estudiosos e estudantes matérias que na sua tese de Estado tinha desenvolvido. Mas que só mais tarde, e com acesso mais limitado, viria a ser conhecida. Destaca-se o enorme trabalho de exegese, de crítica minuciosa e atenta para não deixar nenhum pormenor sem explicação, confrontando a complexidade do *Esmeraldo* com as fontes de que o seu autor se terá servido. Fontes que submete a estudo “microanalítico”, embora não deixe de avisar que não se trata de “um mero jogo de erudição pela erudição.” Porque o que pretende é uma compreensão global do autor e da obra, para o que o estudo minucioso – “ultraminucioso mesmo” das fontes é indispensável. Para atingir o que é a “verdadeira pesquisa científica: um progresso, por mínimo que ele seja, no conhecimento do real” (*As fontes...*, pp. 15-16). Na



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

enumeração e análise que apresenta, procura, ainda que sumariamente, enquadrar o autor e a obra no renascimento português que é, afinal o período que procura explicar. Obra complexa, em simultâneo um livro de história, ou melhor uma crónica, um roteiro de navegação e de reconhecimento de terras, um regimento de navegação, um livro de Geografia e de Cosmografia. Todavia, a utilização dessas fontes não apaga o que de original e observado – quando não experimentado – Duarte Pacheco Pereira regista no *Esmeraldo*. Porque nenhuma fonte segue à letra. Pelo que não apaga o que de original e observado – quando não experimentado – Duarte Pacheco Pereira regista no *Esmeraldo*. De tudo isto, devidamente apurado, sairá uma reflexão bem apoiada sobre o pensamento (e as mentalidades) no renascimento português, averiguada na sua projecção filosófica a partir da experiência e da perscrutação da natureza. Para JBC o *Esmeraldo* é uma obra-síntese (*As fontes...*, p. 153). Que procura caracterizar e integrar no renascimento português cuja especificidade busca compreender. Porque o “facto essencial” e central é, tem de estar, nos grandes descobrimentos. Porque há que analisar “a literatura portuguesa de viagens dos séculos XV e XVI, e a literatura científica e técnica a esta associada” (*O Renascimento...*, 1980, pp. 13 e 17). Porque é na filosofia subjacente que a inovação cultural e mental se revela, que não nos textos dos chamados filósofos humanistas, sempre apegados às lições dos mestres da Antiguidade. Ora a aprendizagem agora não era desse pensamento que decorria mas do que observado, do visto, do experimentado.

Regressado finalmente a Portugal depois de uma ausência de um quarto de século e de quase quinze anos de exílio, preparava-se o historiador e o cidadão JBC para publicar um conjunto de quatro ou cinco pequenos volumes que levariam o título geral de Para Uma Explicação de Portugal. Como historiador começara por mostrar a diferença entre os cronistas e os historiadores cultores da história-ciência, sendo que o primeiro que deixou de escrever crónica foi Alexandre Herculano, que muito admirava. Nessa obra situava uma ruptura epistemológica (conceito althusseriano que adoptava), para enveredar pelo método científico. O primeiro historiador português – ou em Portugal. Porque as Luzes europeias já haviam tido no século XVIII Voltaire e Condorcet como críticos e precursores, para depois no século XIX com Michelet a história se afirmar definitivamente. Outros exemplos pode apresentar, como Thierry e Guizot, já em plena visão da história como sendo não dos grandes homens mas da sociedade como um todo. O que será fixado depois cientificamente com o materialismo histórico de Karl Marx e Friedrich Engels. (*Da História-Crónica à História-Ciência*, 1972). Interpretações a servir essa explicação – cuja síntese final não chegou a escrever – iria procurar em Alexandre Herculano, Antero de Quental, Oliveira Martins e António Sérgio, Jaime Cortesão, Sérgio Buarque de Holanda e Robert Ricard e outros, agora seus contemporâneos. Com que procura encontrar as razões para a dualidade peninsular, em que a mentalidade portuguesa se aproxima da racionalidade e do laicismo da cultura francesa – contrária à da religiosidade espanhola. Dualidade que fora bem assinalada por Robert Ricard (um dos seus mestres parisienses) e que JBC se compraz em desenvolver. Em busca de um Rumo de Portugal, interrogando-se se essa rota deveria conduzir ao



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Atlântico ou à Europa, JBC parte da tradição racionalista no pensamento português, pressupõe (na esteira de António Sérgio e de outros, entre os quais Herculano) que houve uma decadência que com a Inquisição fez abortar essa abertura. Portugal é assim uma promessa não cumprida. (citação de “O Reino Cadaveroso” de Sérgio). Era a escolha que haveria que fazer. E para JBC sem dúvida que o bom caminho estava no Atlântico, que não na subordinação a Madrid que supunha ser o resultado de se escolher a via europeia. Queria uma comunidade luso-brasileira, autêntica, a que se deveria juntar a África. “Nela todas as partes se reencontrariam na mais genuína individualidade linguística e civilizacional.” E conclui: “É esta a condição para que Portugal volte a ser ele próprio” (*Rumo de Portugal*, 1974, p. 81, texto datado de Paris, de 9 de Abril de 1974). Não por acaso a si mesmo se intitulava historiador “luso-franco-afro-brasileiro” (autógrafo de 1978) e aspirava a essa comunidade atlântica que servisse os desígnios das pátrias comuns. Historiador e cidadão. E foi “uma das personalidades portuguesas mais generosas, abertas, simples e firmes do século XX” no dizer do amigo, colega e admirador, Carlos Guilherme Mota (da Universidade de São Paulo). Sempre preocupado com o que se passava na sociedade e com a construção de uma obra científica: “Não me sinto, nem sou, proprietário de nenhuma época, de nenhum campo de pesquisas. Estou apenas interessado na resolução dos problemas que se me põem.” (“Prefácio” in Manuel Nunes Dias, 1967, p. X).

Bibliografia activa: *As Invenções Técnicas e a História Económica*, Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, [1943]; *As Ideias Políticas e Sociais de Alexandre Herculano*, Lisboa, [s.n.], 1949 [2ª ed. Lisboa, Seara Nova, 1971]; “A mentalidade, o tempo e os Gupos sociais – Um exemplo Português da Época dos Descobrimentos: Gomes Eanes de Zurara e Valentim Fernandes”, in *Revista de História*, São Paulo, nº 15, Julho/Setembro 1953; “Mentalités, temps, groupes sociaux – un exemple portugais”, in *Annales (Économies – Sociétés – Civilisations)*, Paris: nº 4, Octobre / Décembre, 1953; “Algarismo”, “Esmeraldo de situ orbis”, “Valentim Fernandes”, “Diogo Gomes”, “Mestre João ou Mestre João Faras”, “Tomé Lopes”, “Hans Mayr”, “Duarte Pacheco Pereira”, “Álvaro Velho”, “Afonso Cerveira” e “Literatura de Viagens”, in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1964-1971; *A decifração de um enigma: o título Esmeraldo de situ orbis*, São Paulo, sep. de Revista de História, 1964; “Prefácio” in Manuel Nunes Dias, *O descobrimento do Brasil (Subsídio para o estudo de integração do Atlântico Sul)*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora – Editora da Universidade de São Paulo, 1967; *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no Esmeraldo de situ orbis*, São Paulo, edições da Revista de História, 1968; *O descobrimento do Brasil através dos textos: edições críticas e comentadas*, São Paulo, edição da Revista de História, 1971; *Da História-Crónica à História Ciência*, Lisboa, Livros Horizonte, 1972 [2ª ed., 1976]; *Rumo de Portugal. A Europa ou o Atlântico? (Uma perspectiva histórica)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974 [2ª ed., 1976]; *La traduction espagnole du Situ Orbis, de Pomponius Mela par Maître Joan Faras et les notes marginales de Duarte Pacheco Pereira*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1974; *O Obscurantismo Salazarista*, Lisboa, Seara Nova, 1974; *O renascimento português. Em busca da sua especificidade*, Lisboa,

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1980; *Portugal e as origens do pensamento moderno*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981; *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no Esmeraldo de situ orbis*, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1982; *À la recherche de la spécificité de la Renaissance portugaise – L’Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l’époque des grandes découvertes – Contribution à l’étude des origines de la pensée moderne*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983 [tese de doutoramento de Estado, 1975]; *Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991 [tese de doutoramento de 3º Ciclo em Estudos Ibéricos, 1961].

Bibliografia passiva: ALBUQUERQUE, Luís de, “Lembrança de Barradas de Carvalho”, in *Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991; ARRUDA, José Jobson de, “Joaquim Barradas de Carvalho: o itinerário de um missionário dos novos tempos (Lisboa, Paris, São Paulo)”, in *A missão portuguesa. Rotas entrecruzadas*, São Paulo, UNESP – EDUSC, 2003; BRANDÃO, Tiago, “Migração científica no quadro do Estado Novo: o caso de Joaquim Barradas de Carvalho”, in *Seara Nova*. Lisboa, nº 1718, Inverno de 2011; BRAUDEL, Fernand, “Temoignage” e CHAUNU, Pierre, “Avant-propos”, in *À la recherche de la spécificité de la Renaissance portugaise – L’Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l’époque des grandes découvertes – Contribution à l’étude des origines de la pensée moderne*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983; *Clio*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, vol. II, 1980; *História & Crítica. In Memoriam*, depoimentos de Luís Albuquerque, Armando Castro, Arnaldo A. Pereira e Luís Ramalhosa Guerreiro, Lisboa, nº. 9, Junho / Julho 1982; MARSON, Adalberto, “Joaquim Barradas de Carvalho”, *Revista Brasileira de História*, 1 – 2, 1981; MOTA, Carlos Guilherme, *Estudos avançados*, São Paulo, USP, Vol. 8, nº 22, Set / Dez. 1994; SERRÃO, Joel, “Duas palavras não previstas”, in Joaquim Barradas de Carvalho, *Portugal e as origens do pensamento moderno*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981.

Joaquim Romero de Magalhães



APOIOS:

